

Eleições

em tempo de cólera

Brizola, Lula e Collor são os únicos candidatos a apelar para o imaginário coletivo

José Murilo de Carvalho

As análises da sucessão presidencial têm sido feitas com base em definição de interesses e classificações ideológicas. Fazem-se incidir as posições dos candidatos sobre um prisma racional que as difrata nas cores do arco-íris ideológico. A partir daí classificam-se os candidatos na esquerda, centro ou direita. Ou então, com um pouco mais de refinamento, descrevem-se as cores pelos vários compartimentos do mundo ideológico contemporâneo: fascistas, liberais, neo-liberais, socialistas, comunistas. No máximo, utilizam-se classificações intermediárias ou oriundas de outros critérios analíticos: os candidatos são modernos ou tradicionais, liberais ou corporativistas, corruptos ou moralizantes, nacionalistas ou cosmopolitas, caudilhescos ou democráticos.

Não é de estranhar que assim seja. Este é o arsenal normalmente utilizado pelos analistas da política. Parte-se sempre do suposto que as pessoas tenham interesses bem claros e que formulem suas opções políticas em função desses interesses, distribuindo-se deste modo ao longo do espectro ideológico. O passo seguinte, em tempo de eleição, é supor que as pessoas busquem o partido ou o candidato que melhor se identifiquem com seus interesses.

Tal tipo de análise pode funcionar bem em democracias organizadas e estáveis, particularmente em momentos de normalidade política. Os interesses estão aí mais cristalizados, são mais facilmente identificáveis e formulados. Os instrumentos de ação política estão aí também consolidados, são reconhecidos e legítimos. Daí ser mais fácil o cálculo racional da ação, a escolha dos meios adequados aos fins. É um mundo de razão.

Não é assim em sociedades como a nossa. As identidades sociais são menos nítidas, as práticas democráticas não são consolidadas, as instituições têm baixa credibilidade, os agentes da política são desprezados, senão odiados. Torna-se difícil definir com clareza os interesses e, mais ainda, visualizar as opções políticas e ideológicas que melhor convenham. A situação agrava-

se quando, à precariedade das práticas e das instituições, se acrescentam a insatisfação social e a crise de idéias e valores, como acontece hoje. Passado o momento utópico da campanha pelas diretas e o momento racional da elaboração da Constituição, chegamos ao tempo da decepção e do desencanto com a nova República. Para alguns este é um tempo de cinismo. Para muitos, de tensão, de apreensão, de receio do futuro. Para quase todos é tempo de frustração, é tempo de cólera.

Em tempo de cólera, de paixões, se não desaparecem os interesses, eles recuam ou se disfarçam sob a capa de elementos mais profundos do imaginário individual e coletivo. Descerram-se as cortinas do mundo do sonho, dos desejos, dos medos. Este mundo extravasa os limites do cálculo instrumental que é suposto para o bom funcionamento do mecanismo ideológico-partidário que formalmente rege as eleições. É um mundo que se pauta por lógica distinta da lógica discursiva. Ele se expressa na linguagem dos sonhos, dos mitos, dos símbolos. Não quer isto dizer que se trate de um mundo da anti-razão, ou mesmo da falta de razão. Mas sua razão tem razões desconhecidas pela razão instrumental, discursiva, cartesiana.

Será difícil, a meu ver, entender a presente campanha eleitoral, entender a distribuição da preferência popular entre os candidatos, sem o recurso a esses elementos imaginários e simbólicos. Será certamente impossível, sem tal recurso, entender o impacto de uma candidatura como a de Collor. Não há raciocínio lógico, baseado em cálculos de interesses e em definições ideológicas, que possa dar conta, de maneira satisfatória, do êxito até agora conseguido por essa candidatura. Por outro lado, nada indica que vá haver mudanças radicais na situação do país que possam reduzir o peso dos fatores emotivos na eleição. Pelo contrário, tudo indica à continuação, senão o agravamento, da deteriorização econômica e, portanto, o aumento da incerteza, da angústia, da cólera, isto é, do caldo de cultura favorável às decisões baseadas em elementos de sonho e de mito.

Se estou no caminho certo, os candidatos poderiam ser classificados não por sua posição ao longo do espectro ideológico mas por sua maior ou menor capacidade de apelar para o imaginário coletivo. A meu ver, são apenas três os candidatos que têm esta capacidade: Brizola, Lula e Collor. Todos os outros, de esquerda ou de direita, modernos ou tradicionais, honestos ou corruptos, apela, predominantemente para a razão, definem uma postura ideológica, possuem um programa de governo explícito ou facilmente dedutível. Quanto a este ponto não se distinguem o comunista Roberto Freire do liberal Afif Domingos, o moderno Mário Covas do tradicional Aureliano. Estão todos no time da razão e lutam em desvantagem com os que combinam a razão com a paixão.

Qual seria o imaginário em cujo seio se moveriam as candidaturas de Brizola, Lula e Collor? Pela própria natureza do objeto, a análise começa aqui a ficar escorregadia. Mas, se o problema foi colocado, é de obrigação que seja enfrentado. O que será feito com uma pequena ajuda de Raoul Girardet (*Mitos e Mitologias Políticas*, Cia. das Letras, 1987).

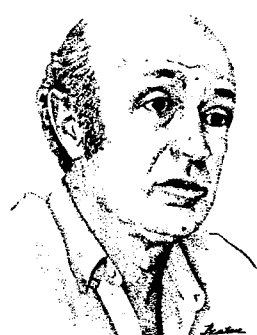
Começemos pelo mais velho desses três candidatos, velho tanto no sentido biológico como político. Nos 25 anos em que luta pela presidência da República, Brizola vem tentando manipular dois dos mais comuns mitos da política, o do Salvador e o do Complô. Em sua visão, ou na visão que procura vender, o Brasil se apresenta sempre em situação de impasse político cuja única saída reside na aceitação de sua liderança, de sua chefia. Trata-se de um messianismo que pode ter raízes em sua formação protestante, mas que certamente também se alimenta na tradição caudilhesca e positivista gaúcha, já encarnada por figuras como Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas. O Messias, a Força da Luz, está sempre em luta contra o Reino das Trevas. No caso de Brizola, a luta se dá tanto no campo pessoal como coletivo. O Inimigo hoje, no campo pessoal, é a Rede Globo. Já foi a CIA. No campo coletivo, é o capital estrangeiro, em particular os bancos credores. Em outros tempos, foi a

se quando, à precariedade das práticas e das instituições, se acrescentam a insatisfação social e a crise de idéias e valores, como acontece hoje. Passado o momento utópico da campanha pelas diretas e o momento racional da elaboração da Constituição, chegamos ao tempo da decepção e do desencanto com a nova República. Para alguns este é um tempo de cinismo. Para muitos, de tensão, de apreensão, de receio do futuro. Para quase todos é tempo de frustração, é tempo de cólera.

O que está atrás de Collor é mais simples de detectar. Ele é o Santo Guerreiro contra o Dragão dos Marajás. Não é um Messias. Não atrai fanáticos

Reunidos, na sexta-feira passada, no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), cinco participantes do Grupo de Conjuntura, patrocinado pela Fundação Friedrich Naumann, produziram textos de análise sobre a situação atual da campanha eleitoral. O Ideias/Ensaio escolheu três artigos, o de José Murilo de Carvalho, Eli Diniz e Renato Boschi, que apresentam no seu conjunto uma unidade: todos abordam o "fenômeno Collor", destacando o fato de que o candidato do PRN não é apenas um invólucro vazio, mas o resultado de uma opção explicável do eleitorado.

Segundo os articulistas, o eleitorado, a quatro meses da eleição presidencial, se fixou naquele que melhor tem representado uma postura anti-governo e moralista. José Murilo de Carvalho, além disso, procura dar conta da constituição simbólica do



José Murilo de Carvalho



Eli Diniz

mundo político-eleitoral, da interpelação dos candidatos no imaginário popular. "O resultado pode incomodar os especialistas em sociologia eleitoral", diz um dos participantes do Grupo, o professor César Guimarães. Para José Murilo de Carvalho, o Brasil não vive — como nas democracias organizadas e estáveis — numa ordem onde prevalecem recursos habituais de persuasão política. Há um mundo de sonho e de mito. É por isto que se pode entender os apelos simbólicos que Collor, Brizola e Lula produzem no eleitorado, tornando-os mais eficazes que os mais racionais propostos por outros candidatos.

Collor, para a professora Eli Diniz, na medida que o sistema partidário tornou-se instável e as identificações com os partidos são voláteis, cresceu no espaço destinado ao voto de protesto. Mas por que Collor? À esta pergunta, Renato Boschi parte não da dinâmica do sistema partidário, mas da valorização do tema da "indignação moral", expresso pela população. A questão da corrupção tornou-se um tema catalizado pela direita, mas que poderia ser apropriada por "outras candidaturas mais à esquerda." Além das pesquisas de opinião, que mostram a verdade crua dos números, existe algo racional por trás de cada candidato e por trás do atual estágio da campanha. Os três artigos procuram desvendá-lo.